

Interdisciplinaridade entre a música e as outras linguagens artísticas no livro didático de arte

Anne Valeska Lopes da Costa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN
annevaleska.musica@gmail.com

Gustavo Gomes Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
gustavoogp21@gmail.com

Giann Mendes Ribeiro
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN
giannribeiro@gmail.com

Comunicação

Resumo: O presente trabalho objetivou compreender de que forma ocorre o processo dialético e interdisciplinar entre a música e as outras linguagens artísticas no livro didático “Por toda parte do 6º ano”, da editora FTD, de autoria de Ferrari et al. (2015). Nesse sentido, apresenta-se uma discussão sobre o livro didático enquanto ferramenta auxiliar do professor de música, apontando reflexões e perspectivas sobre sua utilização, paralelamente com discussões e reflexões sobre a interdisciplinaridade. A base dessa discussão foram os estudos de Macedo (2009), Rizolli (2007), Salgado et al. (2012) e Caldas et al. (2017). Constatou-se que há, de fato, uma relação dialética e interdisciplinar entre as linguagens artísticas. No livro analisado, verificou-se que a música dialoga com as outras três linguagens (artes visuais, teatro e dança), bem como as contempla em alguns pontos. Aponta-se também reflexões acerca da formação contemporânea dos professores de arte (especialistas), a complexidade do campo de atuação de um professor de Arte na atualidade. Percebemos que apesar do livro fomentar a interdisciplinaridade entre as quatro linguagens artísticas, os conteúdos não seguem uma sequência lógica, o que pode dificultar o trabalho do professor.

Palavras-chave: livro didático; interdisciplinaridade; música.

Introdução

O ensino de música nas escolas de educação básica do Brasil já passou por diferentes fases nas últimas décadas, desde o canto orfeônico com Vila Lobos em 1930 como pelo seu desaparecimento com a promulgação da lei 5.692/1971 que instituiu a educação artística, priorizando um ensino tecnicista nas escolas do país.

O desaparecimento da música com essa lei seu deu, como ressalva Oliveira et al. (2013), devido a disciplina prevê a prática de atividades artísticas de diversas modalidades, sendo ministradas por professores de arte com formação polivalente que não se aprofundavam nas expressões artísticas, concentrando então, as práticas das aulas de educação artística nas artes visuais.

A volta da música nos currículos escolares se deu com a aprovação da lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, no estabelecer que a música deveria ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte (BRASIL, 2008). Posteriormente, a Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016, substituiu a anteriormente citada, e determinou que além da música, as artes visuais, a dança, e o teatro também constituiriam o componente curricular Arte (BRASIL, 2016).

Frente a esse raciocínio, nota-se que o componente curricular Arte contempla quatro linguagens artísticas, fazendo-se necessário um trabalho que explore cada linguagem e estabeleça uma relação dialética entre tais. Porém, a formação do professor desse componente curricular se dá de forma separada em cada linguagem artística, formando assim especialistas em cada linguagem e não mais professores polivalentes.

O componente curricular Arte torna-se assim, um campo complexo de atuação, tendo em vista que o professor recebe formação para atuar com apenas uma linguagem artística, mas o seu campo de trabalho cobra dele experiência com outras três. E sendo o componente curricular algo complexo, os materiais didáticos criados para subsidiar esse campo também seguem essa vertente.

O livro didático de Arte o 6º ao 9º ano, por exemplo, traz em seus conteúdos, temas ligados as quatro linguagens artísticas determinadas pela lei 13.278/2016 (artes visuais, música, teatro e dança). Resta saber de que forma esses materiais são preparados para

subsidiar o trabalho de um professor com formação especializada em apenas uma linguagem artística. Para essa discussão pegamos como exemplo o professor de arte que possui graduação em Música e a partir dele analisamos o livro didático do 6º ano do ensino fundamental II afim de responder ao seguinte questionamento: De que forma a música está sendo abordada nos livros didáticos de Arte e como é feita a sua ligação com o ensino das outras linguagens artísticas dentro desse material didático?

Diante disso, este artigo pauta-se na discussão sobre a interdisciplinaridade entre as quatro linguagens artísticas contempladas no livro didático do componente curricular Arte “Por toda parte. 6º. ano”, da editora FTD, e de autoria de Ferrari et al. (2015), buscando evidenciar de que forma acontece esse diálogo e o processo interdisciplinar entre as linguagens artísticas, mas focando nas perspectivas sob as quais a música é abordada. O livro Por toda parte do 6º ano da editora FTD foi o escolhido para ser realizado esse trabalho por ser o livro adotado na escola onde um dos autores deste texto atua.

De uma forma geral, a interdisciplinaridade surge com o intuito de restabelecer as conexões entre as fronteiras das disciplinas, propondo uma pedagogia das interações e interconexões, fazendo um elo de ligação entre as fronteiras disciplinares. Essa perspectiva surge frente a fragmentação do horizonte do conhecimento que favoreceu a especialização exacerbada a partir, sobretudo, do século XIX. Na interdisciplinaridade há colaboração e coordenação, o que gera um sentido de finalidade. Assim, falar de interdisciplinaridade é considerar as trocas recíprocas de conhecimentos, mobilizados em busca de um objetivo comum (JAPIASSU, 1976).

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar de que forma a música está sendo abordada no livro didático de Arte do 6º ano da editora FTD e refletir sobre como é feita a sua ligação com o ensino das outras linguagens artísticas dentro desse material didático, tendo em vista que apesar de cada linguagem artística não ser considerada uma disciplina, ambas possuem um amplo campo de conhecimento a ser estudado tal qual qualquer outro campo de conhecimento, e isso é o que torna o ensino de Arte mais complexo, pois o professor formado para lecionar apenas sobre uma das linguagens deve dominar e lecionar conteúdos de quatro campos de conhecimento. Para isso verificamos quais foram os conteúdos de

música contemplados no livro didático e analisamos de que forma foi feita a interação entre os conteúdos de música com os conteúdos das outras linguagens artísticas.

Para realizar esse estudo, utilizamos como metodologia passos da pesquisa bibliográfica, sendo a leitura, a principal técnica de coleta de dados por possibilitar identificar informações e dados no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles possibilitando assim analisar a sua consistência (LIMA; MIOTO, 2007, p. 41).

O livro didático, as artes e a interdisciplinaridade

Investigando a utilização do livro didático em sala de aula, Macedo (2009) evidencia que, embora ele seja utilizado para mediar o trabalho de alguns conteúdos e/ou para nortear algumas práticas do professor em sala, o livro didático não é, necessariamente, o único meio para fundamentar as metodologias do docente, nem é obrigatoriamente utilizado de forma linear ou com as mesmas propostas estabelecidas. Ao tratar da prática de uma professora que utiliza o livro didático para fundamentar-se, a autora coloca que:

[...] a professora dialoga com o livro didático, apropriando-se dessa ferramenta cultural de acordo com os dispositivos que constituem o seu fazer cotidiano. Nesse sentido, ela não reproduz e não segue linearmente a proposta pedagógica do livro, mas a modifica, ampliando-a e redimensionando as atividades propostas (MACEDO, 2009, p. 93).

Diante do raciocínio exposto, percebe-se que o livro didático pode servir como instrumento orientador, mas não como um manual que ditará cada passo a ser dado pelo professor em sala de aula.

A utilização sequencial do livro didático propõe uma abordagem linear dos conteúdos, sendo um dos aspectos a serem avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático-PNLD. Pois:

O modelo adotado pelo Ministério da Educação supõe o uso sequencial das atividades, pois os LDs¹ são subdivididos em unidades temáticas, ou de conteúdo, calculadas para serem trabalhadas durante o ano letivo. A organização sequencial dos conteúdos é um dos critérios utilizados na

¹ Livros didáticos

avaliação dos livros pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (MACEDO, 2009, p. 95-96).

Embora o professor deva ser autônomo ao ponto de não necessitar que o livro dite a sistemática de suas aulas, é necessário que esse material tenha uma sequência lógica de conteúdos e que os mesmos sejam subdivididos de uma maneira que ajude o professor, ou melhor, que dê uma ideia ao professor de como os conteúdos podem ser conduzidos durante o ano letivo. Contudo, se o material será acatado ou não, será uma decisão a ser tomada pelo próprio professor.

Frente a essa linha de pensamento, Macedo (2009) esclarece que as professoras participantes de sua pesquisa², afirmaram que não se detêm ao uso exclusivo de livros didáticos, pois utilizam diversos materiais que possam propiciar maior gama teórico-metodológica para fundamentar suas práticas. Assim:

[...] ao mapear as atividades propostas no livro e as ações construídas em sala de aula, pudemos contrastar as diferenças entre o que é proposto e prescrito pelo LD e a forma como esse recurso é apropriado em sala de aula. [...] esse recurso é reconstruído pela professora de acordo com as demandas da própria prática, ou com os dispositivos que constituem seu “saber-fazer”, o que faz com que a sequência do livro didático seja alterada para adequar-se à prática da professora. O seu uso, portanto, não é linear (MACEDO, 2009, p. 109).

O “saber-fazer” está ligado diretamente com a prática do professor, sendo uma construção que acontece através da relação professor-aluno, que se concretiza na própria prática docente, através de um construto social e, portanto, coletivo (TARDIF, 2014). Nesse sentido, a construção do conhecimento envolve a percepção do contexto no qual se está inserido, fazendo-se necessário a adaptação dos conteúdos a serem trabalhados.

Em paralelo com os questionamentos sobre a utilização do livro didático, estudamos neste artigo sobre a interdisciplinaridade que interliga as artes e que está presente no livro didático de arte do 6º ano, analisado neste estudo. Para favorecer o entendimento acerca da interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas, apresentamos as linhas de pensamentos de alguns autores que estudam essa relação.

² Vale ressaltar que as professoras não ensinam o componente curricular Arte.

Rizolli (2007, p. 2), argumenta que “a criação artística deve ser compreendida como uma multi-tarefa”, pois enquanto o artista cria, ele está envolvendo vários conhecimentos. Para exemplificar, ele cita um pintor que, para fazer sua arte utiliza a química das cores, ressaltando assim a interdisciplinaridade que acontece entre a arte e as outras áreas de conhecimento, como a química citada no exemplo anterior. Dessa forma, entendemos que a Arte é naturalmente um campo interdisciplinar.

Em uma perspectiva mais abrangente, percebemos em Salgado et al. (2012) que essa interdisciplinaridade não existe apenas entre a Arte e as outras áreas de conhecimento, mas também, entre as próprias linguagens artísticas. É por isso, que os autores consideram ser a interdisciplinaridade uma abordagem que possibilita “um relacionamento entre as áreas da Arte permitindo que os conteúdos a serem ensinados e aplicados sejam desenvolvidos na prática, tornando o estudo mais significativo” (SALGADO, et al., 2012, p. 1).

Diante disso, Salgado et al. (2012) consideram existir um “território da arte” onde existem diferentes caminhos artísticos, comuns as quatro linguagens artísticas, sendo eles: processo de criação, materialidade, forma-conteúdo, mediação cultural, saberes estéticos e culturais e patrimônio cultural. Para os autores, esses são os caminhos em comum entre todos os tipos de arte. Nesse sentido, “para existir a inter-relação entre as linguagens, é preciso trabalhar com pelo menos dois territórios” (SALGADO, et al., 2012, p. 3).

Frente a essa linha de raciocínio, os autores ainda pontuam que a interdisciplinaridade não pode ser confundida com a polivalência, pois as artes não devem ser ensinadas ao mesmo tempo, mas sim dialogarem entre si. Sobre a interdisciplinaridade nas artes, os autores ainda argumentam que:

Ao ler sobre a abordagem das diversas áreas da Arte pode se constatar que nas suas linguagens a interdisciplinaridade está presente, pois, existe uma inter-relação entre esses saberes, possibilitando assim que a aprendizagem seja significativa (SALGADO, et al., 2012, p. 4).

Fica claro, diante desse pensamento, que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas existe, pois, cada tipo de arte possui os seus saberes específicos, a sua história e o profissional especializado em estudar cada área artística.

Caldas et al. (2017), consideram importante “a visão de um trabalho diferenciado [nas artes], com a inclusão de atividades que prezem pela interdisciplinaridade, [eles dizem ainda que isso] tem sido um dos objetivos da escola contemporânea” (CALDAS, et al., 2017, p. 161, grifo nosso). Para esses autores, as escolas e o ensino de arte precisam de:

Um trabalho contextualizado e diferenciado, buscando possibilidades em que exista um diálogo entre os campos de conhecimento e não apenas a utilização submissa de uma área enquanto meio para se ensinar outra, como acontece, costumeiramente, em trabalhos que buscam a música como subsídio para ensino da matemática, ou até mesmo, com o teatro para ensino de história (CALDAS, et al., 2017, p. 161).

Percebe-se que a interdisciplinaridade não se resume a apenas uma forma de utilização de uma área, como é o caso da música citada, para ajudar no ensino de outra. Ou seja, a utilização secundária da música, com objetivo de fazer os alunos decorarem um certo conteúdo da matemática ou de qualquer outro componente curricular, não é um trabalho interdisciplinar.

A interdisciplinaridade está na natureza da arte, ambos estão entrelaçados epistemologicamente, como afirma Caldas et al. (2017):

[...] a interdisciplinaridade deve ser considerada, sobretudo, como uma epistemologia que, devido às suas características de integração, exerce um papel preponderante em todos os campos do conhecimento artístico (CALDAS, et al., 2017 p. 167).

Sendo assim, é impossível separar a arte da interdisciplinaridade, e esse “casamento” entre ambas, está presente no livro didático de Arte da editora FTD, escrito por Ferrari et al. (2015). A seguir, fazemos uma análise do referido livro, detalhando como a música dialoga com as outras linguagens artísticas.

Interdisciplinaridade e linguagens artísticas no livro didático do 6º ano

O livro didático de Arte do 6º ano “Por toda Parte” da editora FTD é organizado em três unidades, a unidade 1 intitulada “Arte: cada um tem a sua”, a unidade 2 “Raízes” e a

unidade 3 “Povos arteiros”, sendo que cada unidade é dividida em dois capítulos. Segundo os autores esse formato foi escolhido para que o professor fique mais livre para gerenciar o ano letivo, utilizando o tempo que resta para desenvolver projetos, trabalhar mais com o contexto artístico local, assim como gerenciar melhor o calendário escolar que possui eventos diversos.

Como forma de introduzir o pensamento sobre a diversidade no livro didático de artes do 6º ano, Ferrari et al. (2015) argumentam que cada povo tem sua forma de fazer arte, mostrando também como uma única palavra (paz) pode ser dita de diversas formas, em diferentes idiomas.

Através do estímulo auditivo, os autores sugerem expressar o que se ouve através de desenhos, representações gráficas, criar palavras para os sons percebidos (onomatopeia), fazendo um diálogo entre música e artes visuais. Nesse sentido, a partir do trabalho de sensibilidade auditiva, atentando-se para os sons do dia a dia, como os que ficam a sua volta (paisagem sonora), Ferrari et al. (2015) propõem reflexões acerca de problemas sociais que, por vezes, passam despercebidos.

O trabalho interdisciplinar proposto no livro didático de Arte (Por toda parte. 6º. ano) é percebido como um diálogo que transita entre as linguagens artísticas. Nas atividades que envolvem música, é sugerido o uso de outras linguagens artísticas para enriquecer o processo, como representar o que se ouve, através de desenhos, movimento corporal e palavras. Quanto ao trabalho das outras linguagens artísticas que contemplam a música, tem-se o aspecto musical na dança, ao trabalhar ritmos e apreciação musical, e nas artes visuais ao incluir a música na constituição sonora de imagens, como a pinturas e paisagens.

Ao final de cada capítulo, há alguns questionamentos que propõem reflexões e dialogam com as linguagens artísticas trabalhadas. Através do tópico “Misturando tudo”, os estudantes são convidados a entrelaçar os conhecimentos, como por exemplo, observar uma pintura enquanto canta ou ouve uma música e, a partir disso, estimular sua criatividade e imaginação, ao pensar sobre os processos que estão acontecendo simultaneamente (FERRARI, et al., 2015, p. 41).

Para a utilização conjunta das linguagens artísticas, há o trabalho de movimentos culturais como o *Hip-Hop* que contempla música, artes visuais e dança. Como colocam Ferrari et al. (2015):

O *Street Dance* faz parte de um movimento cultural maior, conhecido como *Hip-Hop*, que teve origem nos Estados Unidos. Esse movimento é composto de outras linguagens artísticas, que se dividem em três áreas: na música, os *rappers*, os *DJs* – de *disc jockey* –, e os *MCs* – de mestre de cerimônias; nas artes visuais, o grafite; e, na dança, o *Street Dance* com seus vários estilos (FERRARI, et al., 2015, p. 64).

Frente a esse pensamento, percebe-se que é possível transitar e explorar mais de uma linguagem artística a partir de um único tema. Em algumas passagens do livro, Ferrari et al. (2015) utilizam músicas para complementar o trabalho de determinados temas. A exemplo disso, os autores discorrem sobre algumas culturas, mostrando pinturas, arquiteturas, esculturas, e enfatizam os aspectos característicos de cada uma.

Após questionarem a presença da serpente em determinadas pinturas e esculturas, os autores abordam aspectos históricos e os significados que ela possui em cada cultura. Para fazer uma ligação com a música, Ferrari et al. (2015, p. 91) trazem um exemplo de música com essa temática³, explorando um tema comum sob as perspectivas das linguagens artísticas, uma vez que expõe exemplos da música e de outras linguagens.

Em alguns trechos do livro, a música aparece como forma de complementar o assunto que está sendo abordado, sendo uma maneira de contemplar a linguagem da música, geralmente através de algum trecho musical. No entanto, não há nenhum tipo de discussão específica, deixando a ideia desconectada e sem explicação do porquê foi utilizada⁴.

Por outro lado, notam-se momentos onde trechos de músicas são utilizados e, logo em seguida, há alguns pontos de reflexão, bem como discussão sobre a letra da música, fazendo ligação com outras culturas (FERRARI, et al., p. 169 e 181).

A música é contemplada efetivamente a partir da página 200⁵, sendo ela tratada como “linguagem principal”, ao abordar aspectos mais específicos da música, como por exemplo: notação musical, compassos, solfejo melódico (escala de dó maior), arranjo musical,

³ BALEIRO, Zeca; MUSOTTO, Ramiro; BORGES, Celso. A serpente (a outra lenda). Intérprete: Zeca Baleiro. In: _____. *Pet shop Mundo Cão*. São Paulo: MZA/Abril Music, 2002. CD. Faixa 13, apud Ferrari et al. (2015).

⁴ Ver Ferrari et al. (2015, p. 176). Situação parecida acontece em Ferrari et al. (2015, p. 186-187), onde apresenta-se uma abordagem sobre diversidade cultural, adentrando na música, mas sem ter ligação com as discussões que precedem ou sucedem esse conteúdo.

⁵ FERRARI, Solange dos Santos Utuari; et al. *Por toda parte*, 6º. ano. São Paulo: FTD, 2015.

apresentação de instrumentos musicais (agogô, caxixi, tarol, etc.) e leitura de partitura (não convencional).

Focando nos aspectos interdisciplinares entre as linguagens supracitadas, percebe-se mais um estímulo do diálogo interdisciplinar no tópico “Misturando tudo”, através do questionamento “O que a obra **Assentamento**, de Rosana Paulino, tem em comum com a música **Etnia**, de Chico Science & Nação Zumbi?” (FERRARI, et al., 2015, p. 203, negrito dos autores). A referida obra (Assentamento) é uma litogravura⁶ apresentada em momento anterior (p. 174), seguida por uma proposta de breve análise da obra, refletindo sobre sua construção e significado.

Em continuidade, tem-se um exemplo claro de reflexões sobre as linguagens artísticas das artes visuais, através do estímulo visual (fotos); dança, através das representações das fotos e de questionamentos sobre a vontade de dançar; e a música, através da colocação sobre sons e a vontade de fazer música (FERRARI, et al., 2015, p. 210).

Posteriormente, o trabalho interdisciplinar é intensificado e ampliado, contemplando música, dança e geografia. A sugestão é de estudar o mapa do Brasil, pesquisando sobre as músicas e danças características de cada região, percebendo, refletindo e praticando as características particulares da cultura e manifestações tradicionais de cada lugar (FERRARI, et al., 2015, p. 214-215).

Outra forma pela qual a música dialoga com outras áreas é através da apresentação de certa manifestação musical e sua respectiva construção histórica. Há uma contextualização acerca desse manifesto musical. Tomando por exemplo o maracatu, tem-se a explicação do fenômeno, como surgiu, onde é desenvolvido como tradição, quais suas características e etc. (FERRARI, et al., 2015, p. 216-231).

Por fim, na “Linguagem da dança”, que estabelece uma relação dialética com a linguagem musical, há a retomada do tema já trabalhado no conteúdo de música. Após a contextualização e descrição dos aspectos presentes no “maracatu”, existe um estímulo à

⁶ “[...] é um tipo de gravura. Essa técnica de gravura envolve a criação de marcas sobre uma matriz com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo”. EDUCALINGO. **Significado de “litogravura” no dicionário português**. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/litogravura>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

dança. São estabelecidas algumas etapas, que vão desde a preparação corporal à execução dos movimentos. Percebe-se há presença de aspectos comuns à música e à dança, como ritmo, pulso, andamento, etc. (FERRARI, et al., 2015, p. 243-247).

Dessa forma, o livro estudado busca sempre o trabalho interdisciplinar entre as linguagens artísticas, onde os autores lançam um tema maior, que é o tema da unidade, e desenvolvem esse tema trabalhando com as quatro linguagens artísticas, sempre fazendo a interação entre as linguagens. Diferente de outros materiais, onde as unidades e os capítulos do livro são organizados separando as linguagens artísticas, colocando, por exemplo, cada unidade do livro tratando especificamente sobre um tipo de arte (música, artes visuais, dança e teatro).

Considerações

Este trabalho versou sobre a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas no livro didático de Arte do 6º ano da editora FTD. A questão central deste estudo buscou discutir de que forma a música está sendo abordada nos livros didáticos de Arte e como é realizada a sua ligação com o ensino das outras linguagens artísticas dentro desse material.

Percebemos que os autores do livro tentaram trazer ao máximo a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas ao ponto de não seguir uma sequência lógica de conteúdos, o que pode dificultar ainda mais o trabalho do professor, no que diz respeito aos conteúdos de música, essa falta de sequência lógica é facilmente percebida quando na página 38 é apresentado um tema intitulado “os sons e os lugares” onde busca-se incentivar a sensibilidade e a percepção dos alunos dos sons do cotidiano e logo em seguida abordado o tema “compondo, regendo e cantando” onde explica o papel do compositor, do regente e do músico em uma orquestra, apesar de serem conteúdos de música relevantes não possuem uma ligação direta para serem abordados em sequência. Verificou-se assim que a música é contemplada nas outras três linguagens⁷, bem como as contempla em alguns pontos, pois a interdisciplinaridade entre as artes é algo que faz parte da sua natureza.

⁷ Artes visuais, teatro e dança.

Os principais conteúdos de música abordados no livro como um todo, principalmente a partir da página 200, foram: notação musical, compassos, solfejo melódico (escala de dó maior), arranjo musical, apresentação de instrumentos musicais (agogô, caxixi, tarol, etc.) e leitura de partitura (não convencional), além de contextualização de estilos e gêneros musicais.

A interdisciplinaridade foi percebida em boa parte do material didático, desde a abertura de cada unidade onde aparece escrita de “forma orgânica” (FERRARI, et al., 2015, p. 304) as várias linguagens da arte, como no decorrer das unidades e capítulos, como é o exemplo do capítulo 1 da unidade 1, que os autores trabalham a temática “paz” através da linguagem da música e das artes visuais assim como no encerramento de cada capítulo com o tópico “Misturando tudo”.

Em alguns trechos do livro, notamos a falta de linearidade quando encontramos algumas músicas aparecendo “soltas” ao final de um assunto que está sendo abordado, sem nenhum tipo de discussão após a exposição da letra, deixando a ideia desconectada e sem explicação do porquê foi utilizada⁸.

Esperamos que este estudo possa se somar às discussões sobre a estruturação do livro didático, focando, neste caso, na abordagem interdisciplinar entre música e as outras linguagens artísticas. Percebemos que as artes podem e devem caminhar juntas, possibilitando um construto mais amplo e interdisciplinar. Todavia, destacamos ser crucial compreender que cada contexto possui suas especificidades, logo, as formas de trabalhar e estabelecer o diálogo entre as linguagens artísticas podem variar, tornando possível alterar a maneira como o livro didático é utilizado. Nesse sentido, entendendo que o livro didático possui caráter orientador, e não “rotulador”, cabe ao professor identificar a melhor maneira de utilizá-lo, a depender do contexto no qual está inserido.

Por fim, percebemos, através deste estudo, outros aspectos que podem servir como foco para outras discussões, como por exemplo: os conteúdos de música abordados no livro

⁸ Ver Ferrari et al. (2015, p. 176). Situação parecida acontece em Ferrari et al. (2015, p. 186-187), onde apresenta-se uma abordagem sobre diversidade cultural, adentrando na música, mas sem ter ligação com as discussões que precedem ou sucedem esse conteúdo.

didático de Arte do 6º ano possibilitarão uma aprendizagem musical condizente com as recomendações dos estudos da área da Educação Musical para essa faixa etária de ensino? Que tipo de formação o professor de Arte deve ter para desenvolver um trabalho interdisciplinar entre as quatro linguagens artísticas?

Referências

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, 18 de agosto de 2008, Seção 1, p.1.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União, Brasília, 03 de maio de 2016, Seção 1, p.1.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. A interdisciplinaridade em arte: algumas considerações. Revista Nupeart, Florianópolis, v. 17, n. 17, p.161-171, jan - jun. 2017. Semestral.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari; et al. Por toda parte, 6º. ano. São Paulo: FTD, 2015.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIMA, Telma Cristiane Sasso. MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. v.10, n. esp. P.37 – 45, 2007.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. O papel do livro didático na construção do letramento escolar. Estudos em Avaliação Educacional, v. 20, n. 42, p. 91-110, 2009.

OLIVEIRA, Patrícia Mertzig Gonçalves de; FARIA, Luciana Carolina Fernandes de; GOMES, Edgar Alves. A música no ensino básico: uma perspectiva histórica da presença da música nas escolas brasileiras. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 10, n. especial, p.738-746, jul – dez, 2013.

RIZOLLI, Marcos. Estudos sobre Arte e interdisciplinaridade. In: 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas, 16. 2007, Florianópolis. Estudos sobre Arte e interdisciplinaridade. Florianópolis: Anpap, 2007. p. 914 - 924.

SALGADO, Eliana de Cássia Vieira; CONSOLINO, Andréa Maria Giannico de Araújo Viana; SANTOS, Roseli Albino dos. Arte: questão de interdisciplinaridade ou intertextualidade? in: XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 16, 2012. São José dos Campos: XVI INIC, 2012. p. 1 - 4.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.